



A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE INFANTIL E AS MEDIações AFETIVO PEDAGÓGICAS

Ana Carolina Fernandes De Castro Peixoto– castroanac29@gmail.com

Julliana Lemes De Araújo– jullianalemesaraujo@gmail.com

RESUMO

A sexualidade é um aspecto significativo e que se prolonga por todas as fases da vida da criança, não podendo ser separado do indivíduo. A escola, como responsável pelo desenvolvimento integral do aluno, deve fazer as mediações afetivas nos assuntos inerentes à sexualidade, caso haja tais manifestações. A pesquisa teve o intuito de indagar como os professores da Educação Infantil de três Centros Municipais de Anápolis se relacionam com as manifestações da sexualidade em seus alunos e como tais manifestações são mediadas em suas práticas pedagógicas. A metodologia aplicada se embasa em pesquisa bibliográfica, intercalada com pesquisa de campo, sendo de abordagem qualitativa. O principal instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário constituído de nove perguntas que revelou a falta de informação e/ou formação na temática da sexualidade dos pedagogos envolvidos. Essa pesquisa possui um caráter complementar nas ações pedagógicas dos professores da Educação Infantil em sala de aula, fornecendo um apoio para suas mediações perante a temática.

Palavras-Chave: Manifestações da sexualidade, Mediações, Afetividade, Desenvolvimento integral.

INTRODUÇÃO

Conceber as manifestações da sexualidade infantil tem como intencionalidade apresentar referências que sejam capazes de orientar os professores quanto às atitudes e mediações a serem tomadas nos ambientes de aprendizagem infantil. Através da afetividade é possível mediar às questões da sexualidade na educação infantil, pois essa manifestação se faz presente em todo espaço onde ocorre o desenvolvimento físico e psicológico das crianças, manifestando-se desde o seu nascimento até o momento da sua morte. A sexualidade não deve ser um domínio à parte, como se a sexualidade dos seres humanos não fizesse parte de sua pessoa e pudesse ser separada do conjunto da sua vida afetiva. Ela é um dos fundamentos da educação infantil, visto que os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação



Infantil (RECNEI's) estabelecem a “compreensão da sexualidade como um processo amplo, cultural e inerente ao desenvolvimento das crianças” (BRASIL, 1998, p. 19).

Diante de tal importância, questiona-se: os professores da educação infantil estão realmente preparados ou orientados para trabalhar as questões relacionadas à descoberta ou manifestações da sexualidade das crianças? A motivação para a pesquisa surge com a preocupação em oferecer e gerar conhecimentos para entender, prevenir ou aliviar ações relacionadas à intervenção do professor no contexto da expressão da sexualidade infantil. É necessário que o professor esteja de fato preparado para trabalhar a sexualidade no âmbito das creches e pré-escola, garantindo a compreensão desse assunto para a comunidade escolar e sendo possível afastar o medo e a ignorância dos profissionais.

A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz em seu corpo (BRASIL, 2006, p.81).

Por meio da pesquisa bibliográfica é possível analisar e compreender a temática, que foi intercalada com pesquisa de campo, mediante aplicação de questionário para um grupo de professores de três Centros Municipais de Educação Infantil da cidade de Anápolis-GO, a fim de pensar, por meio da mediação, as questões das manifestações da sexualidade infantil e como ela afeta o desenvolvimento integral da criança, pois faz parte dos aspectos do seu desenvolvimento acompanhando-a por toda a vida.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Constantine e Martinson (1984), quando se argumenta sobre a sexualidade e a infância, surgem dúvidas e anseios que são questionados. Por isso esse espaço continua sendo uma incógnita, sendo essa temática muitas vezes questionada e com um caráter proibitivo. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI), de 1998, traz a sexualidade como algo que deve ser compreendido e analisado:

É entendida como algo inerente, que está presente desde o momento do nascimento, manifestando-se de formas distintas segundo as fases da vida. Seu desenvolvimento é fortemente marcado pela cultura e pela história, dado que cada sociedade cria regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual dos indivíduos. A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem com seus corpos (BRASIL, 1998, p.17).



O sexo, a sexualidade, a raça, a etnia, a religião, por exemplo, são identidades culturais que constituem os sujeitos e determinam sua interação social, desde os primeiros momentos de sua existência (FURLANI, 2011). Para auxiliar determinado assunto é necessário que haja o entendimento da sexualidade, como uma evolução ampla, auxiliando determinadas ações dos professores, que surgem mediante caráter exploratório por parte das crianças e também, das perguntas e curiosidades que envolvem esse tema (BRASIL, 1998).

A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Os adultos reagem, de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz em seu corpo (BRASIL, 2006, p.81).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais mostram a importância da orientação sexual na escola, em função das manifestações que ocorrem por parte das crianças. Deve-se compreender que a escola intervém de várias formas para esse processo, mesmo não tendo plena consciência das atitudes que rodeiam esse assunto. Cotidianamente em sala de aula, as crianças se manifestam e buscam entendimento para certas questões vividas e a escola, por sua vez, faz as mediações entre a família. Sendo assim, interfere na formação da sua sexualidade (BRASIL, 2006).

Os primeiros caminhos de formação e socialização da criança de 0 a 6 anos em um ambiente diferente do círculo familiar é a Educação Infantil. Sendo uma parte integrante e inseparável da educação básica, é a etapa de ensino motivador por ser a responsável pela oferta dos anos iniciais da educação e o primeiro espaço de socialização e formação, onde além da aprendizagem, oferecerá as condições básicas para que a criança se sinta segura e protegida, e tal fato se dá através das mediações afetivas estabelecidas dentro desse contexto para crescimento pessoal e formação integral do ser humano.

Lisboa (1998, p. 63), estabelece sobre esse assunto afirmando que:

[...] as creches e escolas são de grande importância para desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças [...]. Nesses locais, elas têm de aprender a brincar com as outras, respeitar limites, controlar a agressividade, relacionar-se com o adulto e aprender sobre si mesma e seus amigos, tarefa estas de natureza emocional [...] fundamental para as crianças menores de seis anos é que elas se sintam importantes livres e queridas.

A educação infantil é um período único e sequencial que é respaldado e aparado pela LDB (Lei de Diretrizes e Base Nacional 9394/96) que tange a Educação Infantil e a define como a primeira etapa da Educação Básica. Em seu artigo 29, preconiza-se que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A utilização do termo sexualidade remete-se em meados de 1838, na área da biologia, no Dicionário Petit Robert, de acordo com Alencar (1997). Na obra “Três Conferências sobre Sexualidade”, 1905, Freud já utiliza esse termo. No decorrer do tempo, a definição da palavra sexualidade foi se estendendo e assim proporcionou um estudo acerca de seu propósito e finalidade.

Segundo Ribeiro (1996, p. 26) “desde bebê os seres humanos iniciam o seu processo de autoconhecimento.” Logo, o desenvolvimento humano está atrelado às manifestações sexuais e de acordo com Nunes e Silva (2000, p. 02) “a sexualidade faz parte da condição humana”. No âmbito da sexualidade infantil, estes autores evidenciam o desenvolvimento da criança, sendo sempre necessária a observação contínua e o respeito desses indivíduos que necessitam de um olhar sempre atento (NUNES e SILVA, 2000).

O ser humano já nasce como ser sexual e no bebê a sexualidade é tão natural como a sucção do seio materno e outros desenvolvimentos. “Quando nascemos, nossas percepções são todas sensoriais e nosso corpo também” (SUPLICY, 1999. p. 18). Aprender sobre seu próprio corpo é algo que remete à sexualidade desde criança, sendo essa busca parte integrante da formação social do sujeito (MANGOLD, 2008).

Neste texto, pretende-se abordar a dimensão afetiva nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, com foco nas possíveis manifestações sexuais das crianças. A forma como as mediações de maneira afetiva são concebidas geram impactos de maneira ampla no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno. A afetividade garante uma aproximação ou repulsa das crianças.

A formação de cidadãos felizes, seguros, desenvolvidos integralmente e capazes de conviver com o mundo, incorporados socialmente é devido à afetividade em suas relações com as pessoas que o cercam e assim o formam. Na educação infantil, a afetividade garante as mediações com intenções pedagógicas, criando vínculos relevantes nas unidades de ensino de Educação Infantil, que deverá ser oferecida segundo a Política Nacional de Educação Infantil 2006, “[...] em creches ou entidades equivalentes (crianças de 0 a 3 anos) e em pré-escolas (crianças de 4 a 6 anos)”.

Esse ensino se torna relevante, pois é significativo para integrar a Educação Básica, e tem como principal objetivo constituir as bases para a formação humana, e suas características pessoais como a inteligência, as emoções, a sociabilidade da criança.



Para Wallon (1954, p. 288):

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente.

A afetividade possui grande impacto de competência funcional, sendo de suma importância para a vida social e emocional e essa relação faz com que as pessoas envolvidas nessas circunstâncias de afetividade e as mediações que a permeiam demonstrem cada vez mais os seus sentimentos, emoções, ações, criando um elo entre os seres humanos. A afetividade é uma condição do ser humano que pode ser cada vez mais aprofundado ou deteriorado a partir das situações que o cercam e o permeia.

A vida afetiva está intimamente ligada à aprendizagem na educação infantil, deve sempre ampliá-la e fortalecê-la, criando um ambiente afetivo saudável para os alunos que estão ali sendo formados e moldados para viverem socialmente. A Educação Infantil tem o compromisso de desenvolver as crianças integralmente em todos os seus aspectos físicos, intelectual, afetivo e social que engloba os aspectos das manifestações sexuais que ali podem ocorrer. É preciso compreender que a criança é um ser em formação, capaz de aprender e conviver consigo e com os outros, em um ambiente ativo e que produza ações que garantem o seu desenvolvimento.

Maia, Spaziani e Pereira (2007) pesquisaram na cidade de Bauru (SP), a rotina de 10 professoras da educação infantil para identificar como elas percebem as manifestações sexuais de seus alunos e oferecer esclarecimentos sobre o desenvolvimento sexual e orientação sexual na infância colaborando para a formação dessas professoras. Foram observadas pelas autoras várias manifestações sexuais dos alunos, como comportamentos de masturbação, jogos sexuais, especialmente em ambiente livre como parque ou em situações de descanso coletivo das crianças, chamado “hora do sono”. Além disso, as crianças também faziam perguntas sobre sexo e sexualidade, usando às vezes, “palavrões”, falando de namoro e casamento. Pode-se destacar que “diante dessas situações as professoras, em geral, ou ignoram ou repreendem, muitas vezes, conversam com as crianças sobre o assunto, mas essas condutas aconteceram a partir de comentários pessoais e de ações improvisadas” (MAIA, SPAZIANI E PEREIRA 2007, p. 05).



Em uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo, Moizes e Bueno (2010), concordam que é um compromisso dos ambientes escolares proporcionar a educação integral da criança, e assim abordar o tema sexualidade tendo como parâmetro a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e os PCNs que buscam debater o tema sobre sexualidade, devendo ser apresentados por meio da transversalidade (forma de organizar o trabalho didático na qual alguns temas são integrados nas áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas) dos conteúdos. Por isso os autores afirmam que a escola deve ser um ambiente propiciador de instrução sobre as transformações ocorridas na fase da infância, em que se adquire uma dimensão mais ampla e importante em sua vida, fundamentados nos PCNs como tema transversal. Entende-se que a formação contínua é indispensável para a prática educativa, a qual está diretamente ligada à rotina escolar, assumindo posição de urgência.

A relação que se estabelece entre o aluno e o professor sugere uma maior autonomia em relação às mediações necessárias que são estabelecidas, sendo o professor o principal agente mediador, embora não sendo o único. A mediação afetivo - pedagógica ocorre através das vivências e práticas em sala de aula, situações concretas, onde deve haver uma preparação continuada para entender assuntos e condutas recorrentes ao âmbito da Educação Infantil, podendo ser planejada e orientada tais mediações, obtendo maiores chances de conquistar a mediação necessária para os diversos tipos de manifestações sexuais que possam ocorrer nesta etapa de ensino. Sendo o aluno, segundo Vygotsky (1998, p 257) “um sujeito imperativo interativo, ou seja, um sujeito que desempenha um papel ativo nos processos de interação vivenciados”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Minayo (2001, p. 17), “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”. Neste contexto, a metodologia aplicada foi embasada inicialmente em pesquisas bibliográficas para a busca de informações que caracterizem e explicitem a abordagem da sexualidade como parte integral do ser humano, integrado à educação desde a infância e o professor como agente complementar e mediador nas manifestações da sexualidade de seus alunos, no âmbito da Educação Infantil e os seus objetivos perante a formação da sociedade.



Segundo Severino (2007, p. 122) essa pesquisa “[...] se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc.”. Assim, os textos se tornam fontes de pesquisas e tema do pesquisador.

As informações obtidas durante o estudo bibliográfico foram enriquecidas pela Pesquisa Documental que, segundo Gil (2008, p. 51) “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Assim, foram analisados em documentos oficiais: Leis, Pareceres e Diretrizes que norteiam a implantação das políticas públicas nessa etapa de ensino - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.393/96 (LDB), Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RECNEI).

Após a investigação bibliográfica foi realizada uma pesquisa de campo de cunho exploratório para a investigação do conhecimento acerca da temática e assim contribuir para a elaboração do questionário. O questionário, segundo Gil (1999, p. 128) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”

Durante essa atividade buscou-se averiguar como é organizada a rotina escolar, nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) do município de Anápolis, quais estratégias e mediações estão sendo utilizadas, bem como analisar quais as percepções e indicações dos professores acerca dessa proposta temática.

Para isso, essa atividade foi realizada em três Centros Municipais de Educação Infantil de Anápolis, contando com o consentimento da equipe gestora para explicar a natureza da pesquisa e sua importância, destacando a necessidade de obter respostas e a sua aplicabilidade social. Serão utilizados os seguintes códigos para identificação dos CMEIs pesquisados: C1, C2 e C3.

O Questionário foi aplicado aos 21 professores, englobando todas as etapas da educação infantil. Foi preenchido o “Termo de consentimento livre e esclarecido” convidando as professoras para serem voluntárias na pesquisa, explicando o teor da pesquisa e esclarecendo que os dados obtidos serão resguardados e mantidos sobre absoluto sigilo.

Destaca-se que a pesquisa foi conduzida em forma de questionários, contendo questões norteadoras para possibilitar a compreensão e a interpretação dos sujeitos da pesquisa. As perguntas do questionário aplicado foram às seguintes:

1. Idade.
2. Tempo de profissão.

3. Qual foi sua formação profissional?
4. Você já participou de algum curso, ou formação na área da “Sexualidade Infantil”?
5. Já ocorreu alguma situação em que a criança manifestou sua sexualidade em sala de aula?
6. Você se sente preparado para fazer as mediações necessárias em relação às questões da “sexualidade” em sala de aula? Explique.
7. A situação foi comunicada para fora da sala de aula? (gestor, pais, coordenadores). Para quem?
8. Houve uma externa ação com intervenção? O que foi feito?
9. Você concorda que a família pode influenciar as manifestações sexuais nas crianças? Explique.

Deve-se destacar que a escolha desses sujeitos é devido ao fato que por meio das ações desses profissionais, as mediações são significativas, quando há manifestações da sexualidade infantil no âmbito da sala de aula. Nos CMEIs de Anápolis especificamente nos três CMEIs pesquisados, qual seja, serão os responsáveis por conduzir o processo de introdução e concretização dessa proposta nas referidas instituições de ensino.

Para obtenção dos dados dos CMEIs pesquisados também foi solicitado à análise do Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) de cada instituição de ensino, que segundo Maia, Scheibel e Urban (2009), estabelecem alvos e metas para modificar o contexto atual, mediante a ação transformadora do trabalho.

Segundo Vasconcellos (1995, p. 143), o projeto pedagógico:

É um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita resignificar a ação de todos os agentes da instituição.

O C1 através da análise do P.P.P. e da observação possui uma área construída de 372,17 m². É uma instituição conveniada tendo como convenente a Secretaria Municipal de Anápolis. Sua localização é privilegiada na cidade, estando próxima de vários pontos comerciais, universidades, e hospitais. O seu funcionamento teve início em janeiro de 2008, atende a 123 crianças nas modalidades de creche (período integral) e pré-escola (meio período), sendo berçário com dez crianças, maternal I e maternal II com dezesseis e vinte e nove crianças respectivamente e jardim I e jardim II com trinta e dois e sessenta e oito crianças mutuamente.



Segundo os Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (2006, p. 27):

A Educação Infantil no Brasil funciona em creches, pré-escolas, centros ou núcleos de Educação Infantil como também em salas anexas a escolas de Ensino Fundamental que atendem crianças de 0 até 6 anos de idade. Todas as instituições de Educação Infantil localizadas em um município, sejam públicas ou privadas, compõem, juntamente com as instituições de Ensino Fundamental e Médio, mantidas pelo poder público, e os órgãos de educação, o sistema de ensino correspondente (municipal ou estadual).

O Centro de Educação Infantil (CEI) possui uma maior demanda para a modalidade creche de 1 a 3 anos de idade, sendo que a pré-escola possui uma procura menor por parte da comunidade escolar. Entende-se que tal fato ocorra, pois a região possui um grande número de escolas que atendem esta etapa de ensino. Também acolhe crianças com deficiências/transtornos, os alunos presente na unidade de ensino possuem autismo, hidrocefalia e Síndrome de Down. As famílias dispõem de ampla aceitação aos trabalhos realizados na unidade escolar.

Os funcionários são distribuídos em técnico administrativo sendo: 01 Gestora, 01 Coordenadora Geral, 01 Coordenadora Pedagógica, 05 Auxiliares de Educação, 03 Cuidadoras, 02 Vigia, 05 ASHA (auxiliar de serviços de higiene e alimentação), 02 Merendeiras e o corpo docente com 09 Professores. O corpo docente é distribuído devido à demanda da quantidade de alunos, já estes são definidos pelas dimensões das salas de aulas.

O C2 onde foi realizada a pesquisa possui 159 alunos, divididos entre creche com 78 e pré-escola com 81. As famílias atendidas são de classe média e baixa, com uma renda superior a um salário mínimo. Os mesmos têm um envolvimento satisfatório com a unidade de ensino, havendo, dessa maneira, uma parceria dos pais em relação à execução dos projetos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 96.94/96) refere-se à ação da educação infantil complementar à da família e à da comunidade, e sua articulação o que envolve a busca constante do diálogo com as mesmas, mas também implica um papel específico das instituições de educação infantil no sentido de ampliação das experiências, dos conhecimentos da criança, seu interesse pelo ser humano, pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade.

A região possui uma Unidade do Programa Saúde da Família, que foi recém-inaugurada. O índice de criminalidade na região é baixo, mas o consumo de drogas é alto. O bairro não possui parque ou área de lazer, e a cultura predominante da comunidade é a



religiosidade. Os profissionais envolvidos nesse Centro Educacional são um total de 16 no corpo técnico administrativo e 10 professores no corpo docente.

O C3 possui uma área de 4.420 m² sendo 385.00 m² de área construída. Em 2003 foi regulamentado e em 2008 houve uma expansão do CMEI construindo duas novas salas de aulas, aumentando assim a capacidade de atender mais trinta crianças. Possui a modalidade Educação Infantil com crianças de: Berçário (1 a 2 anos) - (8 vagas), Maternal I (2 a 3 anos) - (15 vagas), Maternal II (3 a 4 anos) - (15 vagas), Jardim I (4 a 5 anos) - (50 vagas) e Jardim II (5 a 6 anos) - (96vagas). A unidade escolar está limitada em uma região carente da cidade, onde a criminalidade é relativamente alta, e está inserida em um cenário de grande consumo de drogas, sendo localizada próximo ao presídio da cidade. O bairro é caracterizado por famílias de baixa renda a classe média.

Na comunidade escolar encontram-se famílias do bairro e adjacências. As crianças atendidas pertencem a diferentes estruturas familiares: pais separados com mães que trabalham para o sustento do lar; cuidadas pelas avós ou tios, pois os pais são usuários de drogas; pai e mãe que trabalham fora para melhorar o padrão de vida da família e pais que sustentam o lar e as mães ficam em casa. As crianças se encontram em vulnerabilidade social com lares desestruturados; crianças com necessidades especiais e crianças de classe média com lares estruturados. Possui um total de 29 funcionários distribuídos entre o corpo técnico administrativo e o docente.

As análises e as interpretações dos dados serão realizadas por meio de texto descritivo e explicativo, apontando as conclusões obtidas, aos quais serão respaldadas pela fundamentação teórica que aborda os conteúdos tratados durante esses processos. Segundo André (1983), a análise qualitativa de dados dos questionários visa apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Serão apresentadas neste item as respostas dos questionários aplicados em relação às Manifestações da Sexualidade e as mediações afetivo pedagógicas. Os nomes das professoras envolvidas na pesquisa serão resguardados, de modo que se utilizam os seguintes códigos para identificá-las: de P1 a P16.

Na descrição da pergunta 1, 2 e 3, sobre a formação e o tempo de atuação em sala de aula, as dezesseis professoras têm formação em Pedagogia, algumas também com formação

em pós-graduação. As entrevistadas estão atuando em sala de aula entre 05 a 30 anos. Em relação à pergunta 4, que questiona se em algum momento as pesquisadas já participaram de cursos, ou formação da área da sexualidade infantil, predominou-se a resposta “não”, apesar de duas entrevistadas (P1 e P2) relatar que já presenciaram uma formação de curto prazo sobre o assunto, tratando-se de palestras. A formação do professor deve ter como objetivo principal alcançar a educação, como um acordo de inúmeras práticas importantes para o desenvolvimento dos seus alunos. A aprendizagem é consequência das mediações que são alcançadas ao longo desse processo de troca de saberes.

A relação entre formação inicial e continuada significa integrar, no próprio currículo da formação inicial, professores já atuantes, que desde logo se tornam agentes da formação dos futuros docentes. A formação inicial deve fornecer ao futuro professor uma sólida bagagem nos âmbitos científicos, cultural, social, pedagógico para o exercício profissional, ao passo que a formação continuada se centra nas necessidades e situações vividas pelos docentes (VEIGA, 2002, p.86).

A investigação sobre assuntos referentes às manifestações da sexualidade no âmbito escolar se torna relevante por possibilitar o conhecimento e desenvolver a busca por soluções que abordam esse tema e assim aperfeiçoar as práticas pedagógicas e a relação professor – aluno, acentuando assim as mudanças satisfatórias que a pesquisa traz para a sala de aula.

A pesquisa pode tornar o sujeito-professor capaz de refletir sobre sua prática profissional e de buscar formas (conhecimentos, habilidades, atitudes, relações) que o ajudem a aperfeiçoar cada vez mais seu trabalho docente, de modo que possa participar efetivamente do processo de emancipação das pessoas. Ao utilizar as ferramentas que lhe possibilitem uma leitura crítica da prática docente e a identificação de caminhos para a superação de suas dificuldades, o professor se sentirá menos dependente do poder sociopolítico e econômico e mais livre para tomar suas próprias decisões (ANDRÉ, 2006, p. 223).

Em relação à pergunta 5, que indaga se as professoras já presenciaram alguma situação em que a criança manifestou sua sexualidade em sala de aula, 11 das envolvidas responderam sim e 5 responderam não. Das respostas positivas foram questionados para citar quais foram às situações e como foram feitas as mediações acerca do ocorrido. A P1, P3, P12, P13, P14, P15 e P16 presenciaram uma situação de “masturbação”, sendo que as professoras P1, P3, P12, P15 e P16 conduziram de forma a mudar o foco do aluno por meio de brincadeiras, jogos, músicas e histórias com a intenção de possibilitar de maneira espontânea a substituição de tal ato. A P13 e P16 tiveram uma reação de forma assustada, pois nunca haviam passado por tal situação, conversaram com a criança e solicitaram a presença da coordenação para fazer as mediações necessárias.



Em relação a esse assunto, Nunes e Silva (2000, p.77) afirmam:

Durante as primeiras fases do desenvolvimento sexual infantil a descoberta do próprio corpo e a exploração de suas múltiplas possibilidades e características constituem um mundo próprio para a criança. A manipulação dos órgãos sexuais, que se organiza ao redor de 3 ou 4 anos, é uma das mais intensas descobertas infantis. A manipulação dos órgãos genitais proporciona intensa experiência de prazer para a criança. Não se trata ainda de uma busca intencional, daí ser absolutamente ridículo e descabido reprimí-la como “masturbação” ou “perversidade”. A manipulação obedece a impulsos biológicos e psíquicos que satisfazem às crianças e lhes proporcionam uma apropriação sensorial de seu corpo e suas potencialidades.

Já as professoras P5, P8, P10 e P11 presenciaram outras manifestações pelas crianças como colocar a mão no órgão genital do colega, crianças se beijando, observando o corpo do outro, e movimentos repetitivos do corpo (para frente e para trás), as mediações nesses casos conseqüentemente foram à distração das crianças com diferentes atividades, além de conversar sobre o assunto conduzindo de maneira a não constrangê-las.

Nessa questão 5 onde pergunta-se: “Já ocorreu alguma situação em que a criança manifestou sua sexualidade em sala de aula? Qual foi a situação? E qual foi a sua reação como professor mediador?”, as pesquisadas responderam:

P1: Sim, uma criança se masturbando. Fiz a brincadeira o mestre mandou fazendo que mudasse o foco.

P2: Sim, mas não me recordo de situações alarmantes. Procuo observar e conversar bastante com as crianças. Não toco abertamente no assunto ainda, mas com oportunidades questiono sobre o banho, brincadeiras, TV, etc.

P3: Sim, no momento do soninho. Assustei muito, mas tentei distrair a criança, com musiquetas.

P5: Sim, nas turmas maiores sempre ocorrem situações em que as crianças manifestam a sexualidade mais aguçada, pois creio que está na fase de descobertas do seu corpo. São situações em que a criança tem a curiosidade em ver as partes íntimas da outra, ou brincar que estão namorando. Sempre tento conduzir de maneira a não constranger a criança. Mas sempre orientamos e ficamos atentos a estas situações.

P8: Sim, como é do mesmo sexo, conversei separadamente com cada um. Um deles me respondeu que era apenas um desafio. Conversei normalmente com cada um e perguntei se fez de livre opinião. Apurei os fatos e percebi que foi apenas por causa desse jogo.

P10: Sim, colocou a mão do colega na sua genital. Não estava presente, mas fui informada que uma criança (menina) colocou a mão do colega na sua genital no refeitório. Ela foi chamada a atenção informando que ela não poderia agir daquela forma.

P11: Sim, a criança estava deitando por várias vezes sobre um objeto. A criança tinha o hábito de pegar um brinquedo ou objeto e deitava sobre ele fazendo movimento com o corpo (para frente e para trás). Quando percebi que a situação se repetia comecei a distraí-la com outras coisas.

P12: Sim, tenho uma criança que gosta de tocar em suas partes íntimas e se esfregar em objetos. Nessas situações utilizo atividades, jogos e histórias para chamar sua atenção para as práticas pedagógicas da sala.

P13: Sim, a criança estava na sua cadeira era um menino e estava se masturbando. Assustei, nunca tinha passado por isso; pedi para ir ao banheiro (que ele fosse ao banheiro); nesse momento falei pra ele lavar as mãos e lavar o rosto. Fiquei sem ação conversei com a coordenadora falei sobre o ocorrido, foram tomadas as devidas providências.

P14: Sim, já percebi crianças tocando os órgãos genitais de uma forma mais íntima. A situação ocorreu em sala de aula nos momentos de atividades. Agi de forma natural.

P15: Sim. Na hora da rodinha, vi uma de minhas alunas tocando em suas partes íntimas. Conversei com todos, já que era momento de contar história. Inventei um “conto” de improviso, falando de uma criança “imaginária” que descobria o próprio corpo. Foi muito positivo e creio que todos entenderam.

P16: Sim, duas crianças se masturbando. Na hora do soninho e nas brincadeiras no tapete. Procurei desviar sua atenção, mas não mencionando o problema à criança.

Perante essas manifestações sexuais infantis, assim como os assuntos decorrentes do interesse sobre o tema, os adultos devem estar capazes para não se omitirem ou assumir um diálogo com informações equivocadas, pois isto pode frustrar a criança durante o reconhecimento de sua sexualidade, ou entender a temática como algo sujo e pecaminoso segundo Laviola (2006), é comum que o adulto, ao perceber algum comportamento da criança como sexual, reagir de alguma maneira a ele, seja informando, mentindo ou se omitindo, além também de possibilitar um maior interesse em relação a esse assunto.

Em relação à pergunta 6, que indaga se as professoras se sentem capacitadas para enfrentar uma situação que envolva o tema sexualidade em sala de aula, no geral responderam que não se sentem capacitadas. A grande dificuldade das professoras pesquisadas em orientar seus alunos é por razões pessoais, cunho religioso, social, cultural e familiar; ausência de informações específicas voltadas para o tema e por falta de orientações e recursos metodológicos.

Nunes e Silva (2000) declaram que os comportamentos da família e profissionais da educação quando estão diante de manifestações da sexualidade de crianças costumam ser de dois tipos: uma, unilateral, inibidora e mistificadora, que ocorre quando os adultos tentam “apagar incêndios” diante das curiosidades sexuais das crianças; outra, omissa, que é quando “fingem que não veem”, o que para os autores se explica pelos limites de nossa formação e impedimentos de nossa cultura e informação sobre o tema.

Na questão 6 as professoras responderam:

P1: Sim, tento agir com naturalidade falando o que convém para cada idade.

P2: Não, as palestras que participei foram de cunho religioso e trazer atenção a alguns sinais das crianças. Mas entendo que na sala de aula são necessários maiores cuidados quanto a identificação e tratamento de tais questões, já que a proteção e sigilo da criança e família são obrigatórios e podem gerar grandes problemas.

P3: Não, acho que precisamos ser mais preparados participando de cursos, seminários etc...

P5: Creio que às vezes não, pois tem situações que a mediação do professor não é suficiente.

P7: Não, pois são questões muito complexas influenciadas pelas questões culturais e sociais, familiares e religiosas. Assim o professor deve ter bastante cautela em abordar estes assuntos. Pois antes devem ser trabalhados no âmbito familiar.

P8: Não estou, pois não sou amparada pela lei para ensinar o que eu penso ser certo e para os filhos dos outros é complicado, pois temos que respeitar a opção de cada um.

P9: Não. É um assunto delicado que requer conhecimentos específicos para tratar com as crianças e seus respectivos familiares.

P11: Não, porque é uma questão que precisa ser tratada com cautela e sabedoria. Acho importante cursos e palestras referente a “sexualidade”.

P12: Não, minha intervenção é para “desviar” a ação que ela está praticando, mas nunca trabalhei diretamente sobre o assunto até porque a idade da criança ainda não trás segurança para trabalhar sobre esse tema.

P13: Não, acho muito delicado esse assunto.

P14: Sim, quando necessário posso dar respostas de acordo com a faixa etária.

P15: Sim, embora não saibamos tudo é preciso sempre pesquisar como mediar tais assuntos, pois dependendo da abordagem pode ter um efeito devastador na vida de uma criança.

P16: Não, pois penso que teria que haver uma preparação para nós professores.

Quando foi questionado se a situação em que houve a manifestação da sexualidade infantil foi comunicada para fora do ambiente da sala de aula (pergunta 7), as envolvidas afirmaram em sua maioria que sim, foi feita a transmissão do ocorrido para a equipe gestora e em alguns casos para a família. Apenas uma professora (P15) declarou que não houve a troca de informações fora do ambiente da sala de aula, pois não houve necessidade, afirmando que a manifestação ocorrida não se repetiu, sendo um caso esporádico.

No âmbito escolar, todos devem participar das discussões coletivamente, sendo indispensável à integração de toda equipe nos diálogos para dinamizar e atentar a todos sobre os acontecimentos dentro desse ambiente. O contato entre professores, gestores e família deve ocorrer em função do bom andamento da unidade escolar e para garantir um melhor desempenho dentro do contexto educacional. Sendo o objetivo principal promover as transformações necessárias dentro do ambiente profissional e político-social.



Para Freire (2011, p. 85):

a escola necessita, pois, repensar urgentemente a sua relação com o processo de comunicação, ela precisa considerar a comunicação como parte fundamental para a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem, porque a sociedade atual, uma sociedade globalizada, pautada na informação e no conhecimento, em que é preciso aprender a aprender continuamente, caracterizada pela velocidade na geração e distribuição de informações precisa estar conectada com o processo de comunicação, bem como com os meios de comunicação de massa, a fim de que se possa obter um processo educativo de qualidade, onde o aluno seja parte integrante de uma sociedade igualitária e democrática.

Quanto à pergunta 8, “Houve uma externa ação com intervenção? O que foi feito?”, 7(sete) das 16(dezesseis) professoras disseram que não houve necessidade por ser algo comum na descoberta da sexualidade. As professoras P12, P14 e P15 afirmaram que as intervenções foram feitas em sala de aula, através de conversas informais.

Nunes e Silva (2000, p. 101) explicam que aos educadores cabe explicar por meio de conversas informais, muitas vezes o espaço social e seus limites, para que a criança compreenda o seu corpo em uma dimensão íntegra e pessoal.

Há necessidade de diálogos relacionados dentro, também, da sala de aula, já que as questões recorrentes sobre a sexualidade não estão apenas inseridas no âmbito familiar, elas estão sendo propagadas em diferentes tipos de ambientes, sejam eles escolar, familiar, religioso, e em constante divulgação nas mídias que se tornam o meio de comunicação em que as crianças possuem maior contato.

Os meios de comunicação, mídias sociais possuem uma função de destaque perante os acontecimentos na sociedade, levando informação, cultura, e entretenimento. É uma grande influenciadora para as crianças que tem tido amplo acesso a informação; as mídias permitem que as crianças tenha acesso a diversos conteúdos, que instigam a curiosidade dos alunos, que por consequência acabam levando os assuntos referentes à sexualidade para a sala de aula, fazendo com que os professores abordem essa temática neste ambiente. Da mesma forma Egypto (2003, p.17) afirma que “a sexualidade que é passada pelos meios de comunicação é consumo, excitação, atrai e estimula crianças e adolescentes”.

A seguir apresentamos as respostas da questão 8 “Houve uma externa ação com intervenção? O que foi feito?”:

P1: Não, pois não houve a necessidade por ser algo comum na descoberta da sexualidade.

P3: A nossa coordenadora irá fazer uma reunião com a mãe.

P5: No ambiente de educação infantil é muito complexo trabalhar esse tema, mas com as turmas de crianças com idade maior algumas vezes é trabalhado através de histórias e diálogos com os pais.



P8: Não foi preciso, pois estavam sendo influenciados por um jogo que pediu esse desafio.

P11: Sim, a equipe gestora conversou com a mãe sobre o ocorrido.

P12: As intervenções são realizadas em sala, como foi citado acima.

P13: Bom, sei que houve uma conversa para que os pais e escola ficassem mais atentos em relação a essa criança

P15: O assunto foi tratado somente entre eu e meus alunos, pois como disse foi apenas um momento em que a criança estava se descobrindo, passado a curiosidade e com a explicação não houve mais nenhum “incidente”.

Na pergunta 9 interrogou-se se as professoras concordam que a família pode influenciar as manifestações sexuais nas crianças, e pedindo para explicar. Todas as professoras concordaram que a família deve ter maior atenção quanto ao que assiste, fala e faz perto das crianças, pois elas imitam e despertam curiosidade perante o assunto. As envolvidas P4 e P7 não responderam a questão. Segundo Laviola (2006), as crianças aprendem sobre sexualidade primeiramente através dos comportamentos e significados fornecidos pela família, ampliando a compreensão a respeito do assunto.

Segue as respostas das professoras envolvidas na pesquisa sobre a questão 9 “Você concorda que a família pode influenciar as manifestações sexuais nas crianças? Explique:”

P1: Sim, a criança repete tudo que vê e vivencia e se for algo sem pudor com certeza vai repetir.

P2: Concordo que a família deve ter maior atenção, quanto ao que assiste, fala e faz perto das crianças, pois estas imitam e despertam curiosidades fora da idade.

P3: Sim, a família é principal causa de varias manifestações não colocando limites nos filhos; deixando eles à mercê das redes sociais e mídias.

P5: Na maioria das vezes sim, pois o ambiente familiar reflete muito no comportamento da criança, mas em alguns casos a criança manifesta mais a sexualidade, isto varia de cada individuo.

P6: Sim, pois as crianças costumam reproduzir suas vivencias familiares fora do lar.

P8: Concordo, pois as crianças estão cada vez mais novas tendo acessos as mídias e o mais preocupante sem a orientação de fiscalização dos pais.

P09: Sim, quando as expõem a situações que incitam a tais manifestações.

P10: Sim, geralmente a criança reproduz o que presencia ou vivencia em casa.

P11: De certa forma sim, mas a maioria das famílias também não tem muito conhecimento sobre a “sexualidade” infantil e, portanto não percebe ou ignora.

P12: Se a família não tiver o cuidado e o respeito em relação as suas manifestações sexuais, pode sim despertar na criança o interesse em sentir certo prazer ao se tocar.

P13: Sim, as crianças elas copiam muito que os pais fazem.

P14: Sim, as crianças costumam transmitir o que vê em casa.

P15: Sim, com certeza. É necessário que haja um diálogo entre os pais de forma bastante coerente, para que a criança se sinta à vontade e confiante para indagá-los, na hora que surgirem tais dúvidas, deixando-os na hora que surgirem tais dúvidas, deixando-os bem confortáveis para sanar quaisquer



questionamentos e dúvidas em relação a algo natural que ocorre no corpo de pessoas sadias.

P16: Com certeza, mas para isso eles deveriam ser orientados também por profissionais.

O ambiente familiar reflete muito no comportamento da criança e deve ser abordado primeiramente no espaço familiar, segundo os PCNs. Cada família possui um comportamento perante tal assunto, cabe ao ambiente escolar abordar diferentes reflexões e contextualizar diante de cada manifestação, abordando valores diferenciados existentes na sociedade, para que o aluno tenha contato e possa estabelecer por meio da informação a ação garantindo o seu desenvolvimento integral.

As crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados por contradições das sociedades em que vivem. A criança não é filhote do homem, ser em maturação biológica; ela não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância- seu poder de imaginação, fantasia, criação - e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância, pode nos ajudar a aprender com elas (BAZÍLIO, KRAMER, 2006, p. 91).

O ambiente escolar é uma extensão da educação dada pela família e entende-se que a família possui o dever de educar as crianças conjuntamente com o centro de educação infantil, facilitando a troca de informação por meio do diálogo entre ambas as partes, com o objetivo de esclarecer e incentivar o desenvolvimento das crianças. O professor é o mediador entre os assuntos que ocorrem em sala de aula, comunicando a família, esclarecendo e incentivando os pais a buscarem informações recorrentes as manifestações da sexualidade das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse em estudar esse tema da sexualidade no âmbito da educação infantil se faz necessário por entender as decorrências dessas manifestações, tanto quanto a ação do professor mediador. Durante a pesquisa foi possível deparar com professores despreparados para lidar com o assunto, seja por conta da falta de informação ou formação, levando em consideração o medo em se posicionar sobre algo tão íntimo e relativo de cada ser.

Constata-se que, além de ser uma temática discutida atualmente nos centros de educação infantil, o tema ainda enfrenta grandes barreiras para ser tratada e por isso buscamos entender através dos questionários como eram feitas as mediações e se a afetividade que o educador tem com a criança contribui de forma positiva afastando o medo ou receio para



enfrentar esse assunto. Percebe-se que muitas educadoras estão atentas sobre o desenvolvimento da criança, sobre como esta manifesta a sua sexualidade, e procuram agir de maneira adequada, esclarecendo as crianças, compreendendo e as respeitando.

Esses resultados encontrados não são definitivos: é apenas uma contribuição que deixa-se em aberto para futuras pesquisas nessa temática. O que se espera é que esse trabalho venha contribuir com os profissionais da educação para abordar tal tema, mesmo sabendo que o Brasil caminha para um cenário onde supostamente nos próximos anos com a nova gestão assuntos relacionados à sexualidade sejam extintos para abordá-los em sala de aula. Sendo assim, curiosidades acerca de gênero, ideologias e sexualidade seja um assunto para se abordar somente em casa com seus pais ou familiares, impossibilitando diálogos quanto a esse assunto no âmbito escolar.

ABSTRACT

Sexuality is a significant aspect that extends through all phases of the child's life and can not be separated from the individual. The school, as responsible for the integral development of the student, must make affective mediations in the subjects inherent to sexuality, if there is such manifestation. The research had the intention to inquire how the teachers of the Infant Education of three Municipal Centers of Annapolis relate to the manifestations of sexuality in their students and how these manifestations are mediated in their pedagogical practices. The applied methodology is based on bibliographic research, interspersed with field research, being of qualitative approach. The main instrument used for data collection was a questionnaire consisting of nine questions that revealed the lack of information and / or training on the sexuality theme of the pedagogues involved. This research has a complementary character in the pedagogical actions of the teachers of Early Childhood Education in the classroom, providing support for their mediations in relation to the theme.

Keywords: Sexuality, Affectivity, Manifestations, Mediations, Integral Development.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Regina Lucia Brandão. **Educando o corpo:** esse desconhecido. Revista Amae e Educando. Belo Horizonte: n. 271, out. 1997.

ANDRE, M. E.D.A..**Ensinar a pesquisar...como e para quê?**. In: ENDIPE, 13, 2006, Recife. Educação Formal e Não Formal. Recife, PE: Edições Bagaço, 2006. v. 3. p. 221-233.

ANDRÉ, M. E. D. A. (1983). **Texto, contexto e significado:** algumas questões na análise de dados qualitativos. Cadernos de Pesquisa, (45): 66-71.

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sônia. **Infância, educação e direitos humanos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei n 9,396/96, de 20 de dezembro de 1996.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil**. v.1 e 2. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: Formação pessoal e social**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.2.

EGYPTO, Antonio Carlos (org). **Orientação Sexual na Escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, S. S. **Comunicação e a Prática Educativa: a importância do processo de comunicação no ambiente escolar**, 2011. Disponível em: <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/comunicacao-e-a-praticaeducativa-a-importancia-do-processo-de-comunicacao-no-ambiente-escolar4915358.html>. Acessado em 13 de novembro de 2018.

FURLANI, Jimena (Org). **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo-Horizonte: Autentica Editora, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAVIOLA, Elaine Cardia. **Reações de educadoras de creche diante de manifestações de sexualidade infantil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Florianópolis, Editora mulheres, 2006.

LE PETIT Robert. **Dicionário alfabético e analógico da língua francesa**. Paris: Robert, 1994.

LISBOA, Antônio Márcio Junqueira. **O seu filho dia-a-dia: dicas de um pediatra experiente**. Volume 3. Brasília: linha Gráfica, 1998.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. PEREIRA, Patrícia Cristiane. SPAZIANI, Raquel Baptista. **Sexualidade Infantil: Orientação Para Professoras De Uma Pré-Escola**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/139826/ISSN2175-7054-2009-9200-9211.pdf?sequence=1>. Acesso em 20 out. 2018.

MAIA, C.M.; SCHEIBEL, M.F.; URBAN, A.C. **Didática: organização do trabalho pedagógico**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

MANGOLD, Maritânia; et. al. **Sexualidade na Infância**. 2008. Disponível em: http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educaçaoInfantil/sexualidade_infantil.pdf >. Acesso em: 25/05/2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Método e Criatividade**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental**. Revista da escola de enfermagem da USP, v. 44, n. 1, mar, 2010.

NUNES, César. SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autoresassociados, 2000.



PIAGET, J. **A construção do real na criança**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. **Psicologia e Educação da criança**. Revista Veja: Editora Abril. Nº 163. Ano 2010, p. 79.

RIBEIRO, Cláudia. **A fala da criança sobre a sexualidade humana**: Odito, o explícito e o oculto. In: _____ “A construção do corpo sexuado”. Lavras, MG: Universidade Federal de Lavras; Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996. p.23-33.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. rev. e atual. SP: Cortez, 2007.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu**: o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos. São Paulo: FTD, 1999.

VASCONCELLOS, Celso S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico**: do trabalho políticopedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo, SP: Libertard, 1995.

VEIGA, Ilma Passos A. **Professor**: tecnólogo de ensino ou agente social. In: AMARAL & VEIGA (Coord.). Formação de professores: políticas e debates. Campinas, SP: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. (1998). **O Desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins.

WALLOW, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições, 1954.



APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário apresentado aos professores de três Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) da rede municipal de Anápolis.

Faculdade Católica de Anápolis

Curso de Licenciatura em Pedagogia

Análise documental e/ou aplicação de entrevistas/questionários.

10. Idade:

20 – 25 anos

25 – 35 anos

35 – 45 anos

45 – 60 anos

11. Tempo de profissão:

1 – 5 anos

5 – 10 anos

10 – 20 anos

20 – 30 anos (ou mais)

12. Qual foi sua formação profissional? Marque todas as opções que você se adequa.

graduação

pós graduação

mestrado

doutorado

13. Você já participou de algum curso, ou formação na área da “Sexualidade Infantil”?

Não

Sim, foi um curso de:

curto prazo (1 semana – palestra)

médio prazo (1 a 6 meses – curso de formação continuada)

longo prazo (pós graduação)

14. Já ocorreu alguma situação em que a criança manifestou sua sexualidade em sala de aula?

Não

Se Sim, Explique:

a) Qual foi a situação?

b) Qual foi sua reação/conduziu a situação como professor mediador?



15. Você se sente preparado para fazer as mediações necessárias em relação às questões da “sexualidade” em sala de aula? Explique:

16. A situação foi comunicada para fora da sala de aula? (gestor, pais, coordenadores). Para quem?

17. Houve uma externa ação com intervenção? O que foi feito?

18. Você concorda que a família pode influenciar as manifestações sexuais nas crianças? Explique:

Obrigada, pela ajuda e colaboração!



Acadêmico(a):	Ana Carolina Fernandes de Castro Peixoto, Julliana Lemes de Araújo		
CPF:	757.001.231-34, 702.696.671-56	RG:	5512122, 620129
		TEL:	(62) 991986235 (62) 991303619
Orientador:	Me. Renato Antônio Ribeiro		
Instituição:	Faculdade Católica de Anápolis.		
Título do Trabalho:	A manifestação da sexualidade infantil e as mediações afetivo pedagógicas.		
Objetivo:	A pesquisa teve o intuito de indagar como os professores da Educação Infantil de três Centros Municipais de Anápolis se relacionam com as manifestações da sexualidade em seus alunos e como tais manifestações são mediadas em suas práticas pedagógicas		

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do(a) pesquisador(a) responsável. Os dados fornecidos serão mantidos sobre absoluto sigilo, mantendo a privacidade dos sujeitos envolvidos. Esclarecemos que não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o (a) acadêmico (a) responsável pela pesquisa. Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com a Secretaria Geral da Faculdade Católica de Anápolis no telefone: **(62) 3328-8900** ou **pelos e-mails:** secretaria@catolicadeanapolis.edu.br / renatoantonio@catolicadeanapolis.edu.br.

Eu, _____, RG nº _____ CPF nº _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordo em participar do estudo descrito acima como sujeito e **AUTORIZO**, através do presente termo, o(a) Pesquisador(a) a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destes depoimentos para fins científicos e de estudos, em favor do(a) pesquisador(a) da pesquisa, acima especificado. Fui devidamente informado e esclarecido pelo(a) pesquisador(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem e que isto leve a qualquer penalidade.

Anápolis, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do(a) Acadêmico(a)/Pesquisador(a): _____

Kátia Cilene Camargo Silva

Profa. Ma. Kátia Cilene Camargo Silva
Coordenação do Curso

Prof. Renato A. Ribeiro
Msc Educação Linguagem e Tecnologias

Prof. Me. Renato Antônio Ribeiro
Professor Orientador